

Romagens torguianas: "entre a saudade de não ter sido almocreve e a melancolia de não ser astronauta"

Cláudia Capela Ferreira

UTAD – Doutoranda em Estudos Literários Literatura Portuguesa

Resumo: A viagem torguiana assenta essencialmente num eterno ensaio de autognose, cujo processo dificilmente se afasta da consciência da alteridade. A romagem abarca a totalidade da descoberta aquando da chegada do peregrino, num ritual final de consubstanciação da ida, do caminho trilhado e do regresso, plasmados em letra redonda. A viagem assegura, ainda, um rito de reintegração num tempo e espaço sagrados, representados pelo *topoi* infantil de inocência genesíaca, revitalizada no eterno retorno do poeta à casa paterna, prefigurando o autêntico regresso do infante de terras de Vera Cruz. A disforia decorrente da perceção da celeridade do tempo é travada pela imersão no sagrado, dada a suspensão do instante diacrónico, profano, e a instauração da perenidade do tempo sacro, repetível através do retorno ritual ao universo de infância torguiano, reflexo do jardim edénico matricial.

Palavras-chave: Torga, viagem, identidade, tempo, retorno, infância, rito, sagrado

Abstract: The concept of travelling in Miguel Torga's poetic and fictional work regards, essentially, an eternal self-knowledge attempt, conscious, however, of the *other*. Travel comprises not only the departure but particularly the path and the return, which are shaped into art. Torga's pilgrimages assure a rite of reintegration in a sacred time as well as in a sacred space, fully represented by the childhood's *topoi* of the poet, in which genesis and innocence are representative of his paradise lost. Dysphoria, as a result of the time's perception, is restrained by the immersion in the sacred rite, establishing sacred time's eternity. Torga's travels to his hometown represents a rite of the child's return to his eden garden.

Keywords: Torga, travel, identity, time, return, infancy, rite, sacred

I think you travel to search and you come back home to find yourself there.

Chimamanda Ngozi Adichie

O viajante não é turista, é viajante. Há grande diferença. Viajar é descobrir, o resto é simples encontrar.

José Saramago

Miguel Torga evidencia, ao longo da sua vasta obra, um manifesto apego ao processo viático. Com efeito, a viagem, em Torga, assume traços plurissignificativos, traduzindo-se essencialmente como alegoria da vida, na medida em que a fruição da mesma preconiza a verdadeira relevância, como defende nos versos do poema "Viagem": "o que interessa é partir não é chegar" (Torga 2007: 216). Por outro lado, a viagem pode ser entendida enquanto preocupação com o social, dado o teor das suas observações ao longo do *Diário* ou de *Portugal*,¹ verdadeiros registos da realidade experienciada pelas gentes com que interage.

As suas romagens por Portugal e pelo mundo, no nosso entender, convergem igualmente para a concetualização da sua identidade,² procurada incessantemente, o conhecimento profundo do eu através do outro, numa perspetiva narcísica: "Cavo/Lavo/ Peneiro/ Mas só quero a fortuna/ De me encontrar"³ (Torga 2007: 143).

Afirma Homero que o Homem se conhece conhecendo o próximo, centrando-se na odisseia de Ulisses: "Muitos foram os povos cujas cidades observou, cujos espíritos conheceu" (Homero 2005: 25). A par do *Diário*, cuja escrita revela a pretensão de autognose, de auto-revelação — "Além de escrever este diário, que mais vãs tentativas poderei fazer para me juntar?" (Torga 2011: 47) —, a viagem estabelece igualmente esse ensaio⁴. De facto, a viagem termina apenas aquando do ritual final de proclamação da mesma e das descobertas inauguradas, através da letra redonda. Trata-se, pois, de um rito de conhecimento, cuja etapa final exige a escrita:

Ando de fronteira em fronteira a ver coisas. Mas sei de ciência certa que só quando voltar é que lhes vou descobrir a verdadeira significação. Chega a ser engraçado: o universal, que num país estrangeiro sinto infinitamente longe de mim, das fragas nativas parece-me ao alcance da mão. (Torga 2000: 85)

Numa entrevista a propósito da personagem Maria Lionça, uma pietá do granito transmontano, Miguel Torga esclarece os espetadores sobre as suas romagens pelo país:

Eu ando a procurar conhecer Portugal há oitenta anos, e ainda estou no começo. Porque, realmente, na verdade, a alma de um povo é muito complicada: porque há uma alma aparente, a alma que se vê, que salta à vista de toda a gente, e há uma alma profunda, essa é que é a verdadeira. Ora bem, a alma de um povo é muito difícil de revelar e é isso que os escritores passam a vida a tentar revelar: a alma do seu povo [...] a alma de um povo são os artistas que a revelam (Transcrito de <http://www.youtube.com/watch?v=28b3aLAdHFU>).

Na revelação da alma do povo português, o poeta revelará a alma do mundo, e, como tal, a profundidade da sua própria alma: "Do meu Marão nativo abrange-se Portugal; e, de Portugal, abrange-se o mundo" (Torga 2011: 341). Com efeito, ao descrever Maria Lionça, esclarece que as suas personagens são, invariavelmente, inventadas, mas que, "quanto mais imaginado, mais verdadeiro", pelo que a Maria Lionça portuguesa constitui uma "síntese de todas as Marias Lionças que há em Trás-os-Montes, e que há em Portugal e que há no Brasil, e que há no mundo" (Transcrito de <http://www.youtube.com/watch?v=28b3aLAdHFU>).

Como observador atento e zeloso, é através da palavra que faz desembocar no papel os cenários que percorre, pelo que, quanto maior a largueza dos seus passos, maior a do seu entendimento. Assim, e se a viagem permite ao poeta inteirar-se de si, oferece-lhe, ainda, a senha para a enxertia literária, o mote para muitas das suas composições poéticas e entradas diarísticas:

Corro o mundo à procura dum poema
Que perdi não sei quando, nem sei onde.
Chamo por ele, e a voz que me responde
Tem o timbre da minha, desbotado.
Às vezes no mar largo ou num deserto

Parece-me que sim, que o sinto perto
Da inspiração (Torga 2007: 79).⁵

A viagem valida a sua relevância na esteira da criação poética, do achamento da palavra perdida, cuja perfeição congrega a inteireza do poeta e da sua identidade: "qualquer dia chego à expressão pura, que será o êxtase dado numa palavra" (Torga 2010: 225).

Será ainda incontornável, na poética torguiana, a melancolia da viagem, ou a saudade de partir, patente na tentativa de aproximação e perpetuação daquilo que o pícaro navegador e o descobridor português encerra na sua originalidade, na sua essência e idiossincrasia. Confessa Torga: "S. Martinho de Anta, 12 de Abril de 1981 — Nova aventura espacial, desta vez num veículo de ida e volta. Lá estive fascinado, diante da televisão, a vê-lo partir, dividido entre a saudade de não ter sido almocreve e a melancolia de não ser astronauta" (Torga 2011: 90). A viagem na poética torguiana alenta uma possibilidade infinita de religação do poeta às suas origens remotas. Trata-se da funda necessidade de busca de si próprio nos caminhos que os seus, no passado, trilharam:

A voar por cima de Samarcanda,
Aceno à súbita memória
De meus avós almocreves
Que, por acaso, nunca aqui passaram
Quando iam ao Porto
Em machos guizalheiros,
E onde comiam tripas,
A buscar as especiarias de lá. (Torga 2011: 208)⁶

Na calçada que repisa, comunga de uma mesma vivência ancestral, como uma recriação da romagem andarilha dos seus avós almocreves na travessia dos montes vigiados pelos lobos e pelas intempéries — metáforas concretas dos obstáculos e frustrações da via-sacra humana — mas também dos avós cavaleiros, dos avós navegadores, desbravadores de novos mundos, em cuja célula ancestral reside a verdadeira alma profunda do ser. Nesse sentido, a saudade de ser almocreve prolonga-se na melancolia

de não ser astronauta, visível metáfora da fome de perpetuação da descoberta, no íntimo do desconhecido, que, por vezes, reside no mais profundo de nós mesmos. Não terá, certamente, sido superficialmente que Kubrick convocou para a sua obra maior o título de *Odyssey*⁷, investindo-o claramente de simbolismo. O espaço representa para o Homem moderno o que a grande imensidão líquida significava para os nossos pais gregos. E se a *Odisseia* homérica se reclama sob o signo do *Nostos*, de regresso – fazendo também prevalecer uma leitura partilhada com a *Ilíada*, dada a problematização das vicissitudes do Humano e a aceitação da morte como parte integrante da vida – então a epopeia cinematográfica revitaliza, igualmente, uma viagem de ida e de volta profunda, espiritual, que abarca, igualmente, o caminho percorrido pelo Homem desde os primórdios da sua criação. Ora, a melancolia da viagem torguiana parece surgir da tentativa de abraçar a singularidade lusitana do tempo pretérito, aproximando-se, então, do vernáculo e do genuíno matricial do Homem português e, assim, do universal, alcançando, já, o futuro. Será como que uma bolha temporal que não restringe a realidade ao presente, sendo permeável ao tempo pretérito e ao futuro. cremos, pois, que a religação ao passado e a antecipação do futuro é um abraço de gerações cuja ancestralidade deve ser recordada, imortalizada, numa evocação da matriz primordial, de um tempo tão recuado e tão puro, que configura o início, a exaltação da ordem sobre o caos, numa perspetiva mitológica, cosmogónica, pelo que, inserido num cenário paradisíaco de pureza primitiva e originária.

Que lugar cabe, então, ao Homem durante a viagem? Chevalier esclarece-nos que, enquanto símbolo, a viagem edita "busca da verdade, da paz, da imortalidade, na procura e na descoberta de um centro espiritual" (Chevalier 1982: 691). A par da criação poética, da escrita do *Diário*, da caça, a viagem preconiza, em Torga, um rito na peugada da imortalidade, assente sobre a ciclicidade e o eterno retorno, de que é figuração maior a primavera. De facto, a primavera evidencia um carácter primário, mas singular, na explicitação de tal ciclo. Exposição máxima do renascimento, do desentorpecimento do corpo e da alma, da matéria e do espírito, a primavera, em Torga, transgride a morte, na perpetuação da circularidade. Com ela renasce a semente, da qual virá o fruto apetecido,

intransigência da vida contra o destino certo. A transitoriedade do tempo, como já a conheciam os Maias, é, contudo, notória, mas o seu fim inaugura um novo ciclo de vida:

Folhinha

Murchou a flor aberta ao sol do tempo.

Assim tinha de ser, neste renovo

Quotidiano,

Outro ano,

Outra flor,

Outro perfume.

O gume

Do cansaço

Vai ceifando,

E o braço

Doutro sonho

Semeando.

É essa a eternidade:

A permanente rendição da vida.

Outro ano,

Outra flor,

Outro perfume,

E o lume

De não sei que ilusão a arder no cume

De não sei que expressão nunca atingida (Torga 2007: 122).⁸

Desta forma, cremos que a viagem em Torga ultrapassa a questão social, como ultrapassa o carácter, decerto extraordinário, da literatura de viagens⁹. A romagem ritual configura, então, um retorno ao Homem e ao seu cerne protoplásmico, original, essencial, bem como uma procura do imortal através da sequência cíclica circular.

Um dos modelos do rito viático sobremodo relevante é a visitação torguiana do poeta à casa paterna. Ritmada consoante as épocas festivas, especialmente a Páscoa e o

Natal, reconstitui o momento inicial de um ciclo anual, a primavera, e o *terminus* da mesma, o inverno.

Esta viagem prenuncia, então, uma proximidade ritual do poeta à família, à génese, bem como a um local e a um tempo plasmados na sua infância. A imagem de São Martinho de Anta e da sua meninice sustenta o retorno à casa de onde partiu numa incomensurável tristeza: "Mas apenas o comboio se pôs em andamento, e meu Pai foi ficando cada vez mais longe, lavado em lágrimas na gare, cegaram-me subitamente os olhos e chorei desesperadamente" (Torga 2000: 70). O seu regresso nunca seria completo, totalizante, negando a possibilidade de um retorno efetivo, pois aquele que embarcara no Arlanza nunca mais regressaria, a não ser na memória do poeta de "Contemplação":

Num berço de granito,
Com a manta do céu
A cobrir-lhe a nudez,
A minha infância dorme.
Nem bruxas, nem fadas
A velar-lhe o sono.
No mais puro abandono
Do passado,
Respira docemente,
Enquanto eu, inútil enviado
Do presente,
Sobre ela me debruço,
E soluço (Torga 2007: 154).¹⁰

A infância que lhe foi abruptamente arrepanhada é intensamente revisitada poeticamente, nas entradas do *Diário*, nos primeiros dias d'*A Criação do Mundo*, na antologia poética, e, veladamente, sob as descrições dos contos. Henri Meschonnic, citado por Maria Madalena Silva, esclarece que qualquer artista aspira à perceção do mundo através da ordem da infância, o que explica o eterno retorno ao universo infantil (Leão 2007: 159).

Ora, cremos, pois, que o verdadeiro regresso a casa e, por conseguinte, à infância, enquanto somatório de um tempo e de um espaço sagrados, é consubstanciado a cada visita à casa paterna, configurando um rito viático de reencontro com as suas raízes, na senda da reposição da inocência e pureza perdidas na idade adulta, com que regressou do Brasil. No poeta divergem, deste modo, a criança e o adulto, forças antagónicas, perpetuadoras de uma "Guerra Civil", a "absurda aliança/ De criança/ E adulto" (Torga 2007: 131).

Este rito do regresso dá mote ao reencontro da palavra, que, também perdida, se encontra e efetiva no poema. Assim, a viagem a São Martinho de Anta, o regresso a casa do infante poético torguiano inaugura a reatualização de um tempo pretérito, através da memória, num cerimonial instituidor do sagrado. A viagem à habitação de infância constitui um rito de celebração do espaço e do tempo sagrados, que, de acordo com Mircea Eliade, responde à nostalgia religiosa: "o desejo de viver num cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador" (Eliade 1992: 37). Neste caso, o poeta atribui à paisagem de nascença o *topoi* mítico edénico, pelo que a casa paterna e o tempo da sua infância representarão o paraíso de onde foi expulso, para regressar já adulto, privado da inocência genesíaca, como valida o romance autobiográfico *A Criação do Mundo*, heterocosmo¹¹ em que assenta o arquétipo da sua criação. Assim, cremos que o retorno a casa de São Martinho representa a reincidência no momento puro cosmogónico, numa perspetiva de reintegração do poeta num espaço primordial. Não se trata, porém, de uma tentativa de viver a infância,¹² mas de aceder à pureza que dela irradia. Deste modo, a infância representa um símbolo profundo na poética torguiana. De acordo com Chevalier, a epifania simbólica, ou a perceção de um símbolo, traduz um universo espiritual, cuja revelação transcende o lugar e o tempo, enunciando as realidades mais profundas¹³ (Chevalier 1982: 19). Assim, a comunhão com a geografia infantil remete o poeta para uma viagem de reencontro com o mito da criação, fundacional e sagrado. A sua lembrança, alcançada no espaço sacro, simbólico, reatualiza, por sua vez, o tempo sagrado, que, de acordo com Eliade, é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível, pois trata-se de um "tempo ontológico por excelência, parmenidiano" (Eliade 1992: 38). Será um eterno retorno, uma viagem cíclica, circular.

Concluimos a viagem enquanto símbolo sagrado, resgatador do momento ou da essência primordial, pois a reatualização desse *illo tempore* recupera o Éden perdido. Benoît Goetz¹⁴ afirma que a primeira deslocação do Homem terá sido para fora do Paraíso, pelo que Miguel Torga busca resgatar o jardim das delícias que lhe foi confiscado, como explica Maria do Carmo Azeredo Lopes, "sentindo-se um Adão expulso do paraíso anterior ao nascimento" (Leão 2005: 37) e como o próprio poeta elucida: "toda a minha vida tem sido uma luta desesperada para aceitar e justificar o meu nascimento para cá das portas edénicas" (Torga 2010: 346). São Martinho de Anta, como o poeta esclarece, "é o lugar de onde" (Torga 2011: 295) parte, em busca de si, e para onde regressa ritualmente e onde é sepultado, preconizando, simbolicamente, o *regressus ad uterum* ambicionado, como retorno ao estado mais inocente e, possivelmente, orgânico, ao pó da terra procriador, afirmando o ciclo eterno de vida:

Ama-me sempre, cheia da certeza
De que, lírio que sou da natureza,
Na minha altura eu brotarei do chão. (Torga 2007: 157)

Entendamos Torga como um poeta inquietado perante a face indubitável da morte, pelo que a viagem iniciada na infância sofre uma degradação crescente, curva descrita igualmente pelas míticas quatro idades do homem: a idade do ouro, coincidente com a inocência e pureza, a idade da prata, demarcadora da sujeição do homem ao poder tirânico, a idade do bronze, de atos impiedosos, e a idade do ferro, de opressão e devastação.

Ora, da ignorância genesíaca, ou, se preferirmos, da idade do ouro, do estado de desconhecimento, o sujeito alcança a maturidade, a idade do ferro, gradação esculpida na narrativa autobiográfica *A Criação do Mundo* — como assim a designa Clara Rocha¹⁵ — postulando uma visão negativista sobre o decorrer da viagem desde o berço ao esquife. A disforia, porém, apenas prenuncia a difícil relação do poeta com a morte, que, normalmente, se faz anunciar como a "ave da esperança".¹⁶ Maria do Carmo Azeredo Lopes resume claramente a evolução poética torguiana, esclarecendo a morte como fantasma obsessivo à

medida que o corpo se degrada.¹⁷ No discurso da comemoração dos seus oitenta e seis anos, em 1993, Torga afirma:

Toda a vida humana é uma breve ou demorada despedida, que começa, de facto, logo à nascença, e acaba aparentemente no dia da morte. Despedida dolorosa do aconchego do ventre materno, primeiro, e, depois, de tudo quanto temos de melhor: meninice, juventude, dons naturais, saúde, bens, alegrias e, finalmente, a própria luz da consciência. (Torga 201: 365)

Ao retornar constantemente à casa paterna sob o signo do simbólico e do ritual, Miguel Torga aproxima-se do paraíso perdido, mergulhando a sua identidade nas raízes remotas que o antecedem.

Trata-se, então, da viagem como uma busca espiritual, como advoga Chevalier, ou a busca da *Mãe Perdida*, na opinião de Jung (*apud* Chevalier 1982: 691). Destarte, a disforia decorrente da percepção da celeridade galopante do tempo (outro monstro obsessivo na poética torguiana¹⁸) é travada pela imersão no binómio espaço-temporal sagrado, dada a suspensão do instante e realidade diacrónicos, profanos, e a consequente instauração da perenidade associada ao tempo sagrado, cerimonial repetível através do retorno ao universo de infância torguiano, reflexo do jardim edénico matricial:

Jardim da Lembrança

No jardim da lembrança,
Onde cultivo as flores
Da perpétua e alada primavera,
Nem a terra se cansa,
Nem desmaiam as cores,
Nem o pólen dos sonhos desperta.

Tudo ali permanece
Fiel ao devotado jardineiro,
Que na distância tece
O halo que merece
Cada rosa acordada no canteiro,

Quando o dia das rosas amanhece.

Horto da infância entre areais adultos,
Há nele ainda a sombra de dois vultos
Que debruam de amor a pequena extensão
Desse mundo florido
Onde sempre feliz, tenho vivido,
Graças à graça da imaginação. (Torga 2007: 460)

Bibliografia

Chevalier, Jean e Gherbrant, Alain (1982), *Dicionário dos Símbolos*, Tradução de Cristina Rodrigues e Artur Guerra, Teorema.

Clarke, Arthur C. (1972), *The Lost Worlds of 2001*, New American Library, Times Mirror.

Homero (2004), *Odisseia*, trad. de Frederico Lourenço, Lisboa, Cotovia.

Lopes, Maria do Carmo Azeredo (2005), "Miguel Torga: Aspetos evolutivos da sua poética", in Isabel Ponce de Leão (coord.), *Um Mortal que torceu mas não quebrou*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa: 35- 48.

Mateus, Isabel (2007), *A Viagem de Miguel Torga*, Coimbra, Gráfica de Coimbra.

Rocha, Clara (1992), *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Almedina.

Saramago, José (2006), *Viagem a Portugal*, Lisboa, Editorial CaminhoTorga, Miguel (2000), *A Criação do Mundo*, Lisboa, Planeta de Agostini.

-- (2001), *Ensaaios e Discursos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

-- (2007), *Poesia Completa*, Volume I, Lisboa, Dom Quixote.

-- (2007), *Poesia Completa*, Volume II, Lisboa, Dom Quixote.

-- (2010), *Diário – Vols. I a IV* (Edição Digital), Lisboa, Dom Quixote.

-- (2010), *Diário – Vols. V a VIII* (Edição Digital), Lisboa, Dom Quixote.

-- (2011), *Diário – Vols. IX a XII* (Edição Digital), Lisboa, Dom Quixote.

-- (2011), *Diário – Vols. XIII a XVI* (Edição Digital), Lisboa, Dom Quixote.

Cláudia Capela Ferreira é licenciada em Ensino de Português e Inglês pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e desenvolve atualmente uma tese de Doutoramento sobre a poética torguiana na universidade supracitada, debruçando-se sobre o estudo do sagrado e do profano, dos ritos e da criação poética do autor.

NOTAS

¹ Leia-se no Diário, a propósito de uma visita a Vilarinho da Furna, no Gerês: "Primeiro, o Estado, através dos Serviços Florestais, espoliou estes povos pastoris do espaço montanhês de que necessitavam para manter os rebanhos, de onde tiravam o melhor da alimentação — o leite, o queijo e a carne — e alicerçavam a economia — a lã, as crias e as peles; depois, o super-Estado, o capitalismo, transformou-lhes as várzeas de cultivo em albufeiras — ponto final das suas possibilidades de vida. E assim, progressivamente, foram riscados do mapa alguns dos últimos núcleos comunitários do país" (Torga 2011:184).

E ainda, sobre os transmontanos, em Portugal: "Acossados pela necessidade e pelo amor da aventura, aos vinte anos (se não tiver sido antes), depois da militança, alguns emigram para as Arábias de além-mar. Brasis, Áfricas e Oceanias. Metem toda a quimera numa saca de retalhos, e lá vão eles (...) Os que ficam, cavam a vida inteira" (Torga 2000:36).

² Confessa: "Corri também, desde a meninice, as sete partidas. (...) Ser entendido é o supremo bem a que podemos aspirar, já que quase sempre chegamos ao fim incompreendidos até pelos que nasceram no mesmo berço. Talvez porque conhecer inteiramente alguém seja o problema mais intrincado que nos desafia desde Adão" (Torga 2011: 347).

³ Veja-se "Prospeção", incluso em *Orfeu Rebelde*, de 1958.

⁴ Esclarece Clara Rocha: "Frustrada, em parte, a hipótese de definição do eu pela via introspetiva, no terreno movediço das contradições que o tornam enigmático, o diarista procura demarcar o lugar desse eu através da sua relação com os outros e com o mundo" (Rocha 1992: 228).

⁵ Versos de "Peregrinação", poema incluso em *Diário*, datado de 17 de setembro de 1953.

⁶ Versos do poema "Errância", enfatizando o espírito andarilho da sua ascendência familiar direta e identidade histórico-cultural.

⁷ De acordo com Clarke, após vários títulos iniciais, foi o cineasta quem avançou tal título (Clarke, Arthur C. (1972), *The Lost Worlds of 2001*, New American Library, Times Mirror).

⁸ Poema inscrito em *Orfeu Rebelde*, de 1958.

⁹ Isabel Maria Mateus fundamenta a inserção do autor como escritor de viagens (Mateus 2007: 251). Veja-se Mateus, Isabel (2007), *A Viagem de Miguel Torga*. Coimbra, Gráfica de Coimbra.

¹⁰ Poema datado de 30 de setembro de 1966, em São Martinho de Anta.

¹¹ É com esta obra que se assume deus criador de uma segunda natureza, o heterocosmo de que nos fala Abrams (Silva 2007: 209), criando como que um arquétipo quimérico que viria a ser a génese de todo o cosmos literário que criou.

¹² Segundo Maria Madalena Silva: "Nada disto, creio, implica perder a noção da realidade. Trata-se, talvez, de suspender o curso normal da temporalidade, viver no espaço utópico da geografia infantil" (Leão 2007: 171).

¹³ Vide Chevalier, Jean (1982), *Dicionário os Símbolos*, Lisboa, Teorema.

¹⁴ Veja-se Goetz, B. (2001), *La Dislocation: Architecture et Philosophie*, Paris, Les Editions de la Passion.

¹⁵ Vide Rocha, Clara (1992), *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Almedina.

¹⁶ Verso e título de um poema incluso em *Penas do Purgatório*, 1954.

¹⁷ Vide Lopes, Maria do Carmo Azeredo (2005), "Miguel Torga: Aspetos evolutivos da poética", in: Leão, Isabel Ponce de (org), *Um Mortal que torceu mas não quebrou (homenagem a Miguel Torga)*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, pp35- 48).

¹⁸ Veja-se, de entre outros, o poema "Apocalipse":

É o cavalo do tempo a galopar...

Ninguém pode detê-lo [...]

Deixa a desolação por onde passa.

Torna os sonhos maninhos. [...]

Besta infernal (Torga 2007:206).